

DA FEMINILIDADE À HUMANIDADE

KAIL, Michel. *De la féminité à l'humanité*. In: JEANNELLE, Jean-Louis; LECARME-TABONE, Éliane (Org.). **Cahier de L'Herne**: Simone de Beauvoir. Paris: Éditions de L'Herne, 2012. p. 271-275.

Thiago Teixeira *

Michel Kail¹ delimita o espaço epistemológico por ele percorrido no texto, objeto de análise, ao afirmar que,

Ce texte se veut strictement un commentaire, une confrontation direct au texte de Beauvoir, une exercice de lecture, en somme. Le texte de Beauvoir ici considéré est celui composé de l'Introduction du *Deuxième Sexe*, du chapitre intitulé "La femme indépendante" et de la Conclusion de l'ouvrage. (KAIL, 2012. p.271).

Deste modo, colocaremos em relevo, apoiados na perspectiva de Kail, a filosofia existencialista na modalidade de Simone de Beauvoir. Notamos que no bojo dessa análise está o seu interesse em compreender o salto presente no pensamento da filósofa francesa. Este salto se evidencia da noção de feminilidade a uma perspectiva humanista. Vale lembrar que leituras críticas em face do humanismo estão presentes nas discussões levantadas, tanto por Simone de Beauvoir, quanto por Jean-Paul Sartre.

Os existencialistas que assumem uma abordagem humanista — aqueles que se distanciam das perspectivas cristãs — se firmam radicalmente na máxima da precedência da existência em face da essência. Ora, como isso fica evidente no texto verificado? O autor

* Mestre em Filosofia — linha de pesquisa Ética — pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia -FAJE. E-mail: thiago_philosopho.exist@yahoo.com.br

¹ Torna-se relevante apresentar aos leitores da *Sapere Aude* alguns dados sobre o autor da resenha analisada. Michel Kail é professor associado de Filosofia Contemporânea na *High School de Sophie Germain*, Paris. É membro fundador do GEPHP- Multidisciplinar Grupo de Estudos de História da Psicologia, criado em 1992. Este grupo organiza uma conferência anual e publica o que foi ali discutido. Foi membro, entre 1986 até 2007, do conselho editorial da revista fundada por Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir em Outubro de 1945 *Les Temps Modernes*. Atualmente é membro do conselho editorial da revista *L'Homme et la Société*. Assumiu o cargo de co-editor dessa revista em 2004.

estabelece um recorte em seu método e, para tanto, toma como pressupostos epistemológicos a introdução e a conclusão de uma das obras mais significativas de Beauvoir: *O Segundo sexo*, que tem por introdução o texto intitulado *A mulher independente*.

Kail esclarece que aqui, ainda no princípio da obra, Beauvoir coloca em relevo a estrutura social vigente. Ao colocar esta estrutura em evidência, a filósofa aponta as condições nas quais se encontram as mulheres. Com efeito, seu existencialismo se fez pertinente ao século XX na medida em que atestou a necessidade da *construção* da essência de mulher e negou a existência de uma natureza feminina². Fica evidente, ao lermos o texto de Michel Kail, que a filósofa francesa é defensora da emancipação da mulher e, mais, se apresenta como um grande expoente político ao denunciar problemas que assolam a mulher ao longo da história.

O texto tratado deixa às claras o salto previsto na obra de Beauvoir: da feminilidade ao humanismo. Contudo, Michel Kail compreende que, antes de analisar este salto, é preciso compreender uma das questões mais pertinentes a Simone de Beauvoir: “*Qu’est-ce qu’une femme?*”

Deste modo, a intenção inicial de Kail versa sobre a retirada da feminilidade das escuras, bem como fez a filósofa francesa. Contudo, o leitor deve ser cauteloso — ainda mais se não for familiarizado com as discussões suspensas por Beauvoir —, pois daquela questão se desdobra outra: *há uma natureza feminina?* Kail evidencia que a filósofa transita entre discussões sexistas. Declara, pautando-se em Beauvoir, as posições de domínio masculino que se sustentam, entre outros pilares, sobre a noção de natureza humana feminina. Kail, ao apresentar a renúncia de Beauvoir de concepções naturalistas no que tange à mulher, explica que não há um “eterno feminino”.

Na ausência de uma essência que valide esse “eterno feminino”, devemos considerar, orientados por Kail e, sobretudo, por Beauvoir, que a *mulher não nasce mulher. Ela se faz mulher. Torna-se mulher*, na medida em que se distancia de concepções deterministas ou essencialistas. Perspectivas estas que Beauvoir e Sartre — em *O Ser e o nada* — entendem como condutas de *má fé*, isto é, tentativas de se esquivar da

² Negação também presente na filosofia de Jean-Paul Sartre quando este filósofo afirma que no caso humano “a existência precede essência.” (SARTRE, 2010, p.23)

responsabilidade com a construção da própria existência. Se a mulher não nasce mulher e, ao contrário, ela se faz, devemos nos perguntar: Como isso ocorre? Michell Kail demonstra que a mulher se faz a partir de sua situação. Assim, a noção de natureza deve ser suprimida e dar lugar à situação. A mulher deve assumir as condições materiais nas quais ela está e se comprometer com o seu tempo. A partir dali, viver a liberdade que ela é. Com efeito, encontramos o conceito de liberdade absolutamente situada. Situação aqui se confunde com a liberdade que é a própria substância humana e que deve ser engajada, comprometida com o mundo e se afirmar, afastando-se assim, das condutas de má fé.

Como a situação é fator principal da construção da feminilidade, ao analisar Beauvoir, Kail desvela as limitações nas quais se encontram as mulheres no mundo. Deste modo, é necessário que a mulher se assuma e se comprometa também com o seu tempo, isto é, com a moral e com a política. Ao fazê-lo, a mulher se oporá às realidades instauradas: natureza ou essência. Percebemos no texto de Michel Kail a retomada do conceito de *alteridade absoluta*. Através deste conceito, a filósofa apresenta a mulher vista, ao longo da história, como absolutamente outra. Para suprimir esta alteridade negativa, se assim podemos chamar, é preciso que as mulheres assumam a sua situação, seu tempo.

Se o feminino é construído, isto é, a partir da noção de projeto, ou seja, na lógica apontada por Sartre da precedência da existência em face da essência há um aceno à responsabilidade, que é eixo fundamental dessa construção de si e, sobretudo, do que fazemos da imagem humana que se instaura, de modo concreto, em nosso tempo. O humanismo aqui percebido é originário da criação responsável e situada. Ele pode ser compreendido como a espinha dorsal da obra *O Segundo sexo*. O compromisso da mulher que resvala, sobretudo, no campo político, suprime a noção de natureza na qual a figura do feminino é rechaçada e subjugada.

Ao suplantar um horizonte essencialista que fundamenta esses níveis de *sexismo*, a discussão dá lugar ao humanismo. Beauvoir sustenta uma perspectiva na qual existência — nesse caso, da mulher — deve se comprometer e se engajar de modo a modificar a realidade a partir de sua liberdade situada. Kail demonstra em seu texto a importância de Beauvoir, uma vez que esta alicerçou, através de suas investidas teóricas e suas vinculações políticas, os movimentos feministas dos anos 1970. Entendemos que *De la féminité à l'humanité* se apresenta como um horizonte de iniciação à questões cruciais do pensamento

beauvoiriano e, mais, aponta com a profundidade permitida pelo limite de páginas, discussões significativas com pensadores de grande envergadura como Hegel, Kierkegaard e Sartre, fomentados pela filósofa. Notamos que o texto em questão, além de se apresentar como uma introdução ao pensamento de Beauvoir, aborda temas e discussões, que, a nosso ver, são centrais em sua obra, *O Segundo sexo*.

Referência

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Petrópolis: Vozes, {1946} 2010.